

SÍNDROME DE DOWN E LINGUAGEM: ANÁLISE DOS ASPECTOS APRÁXICOS NA FALA DE UMA CRIANÇA

Laíse Araújo Gonçalves
(LAPEN/UESB/FAPESB)

Micheline Ferraz Santos
(LAPEN/UESB)

Carla Salati Almeida Ghirello-Pires
(LAPEN/UESB)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é analisar os dados linguísticos da fala de uma criança com síndrome de Down, relacionando-os às características de apraxia de fala. Trata-se, portanto, de um estudo de caso que visa verificar, com base nos pressupostos teóricos da Neurolinguística Discursiva, a doravante ND, quais são os aspectos da apraxia que os dados linguísticos de uma criança com síndrome de Down podem apresentar, a fim de orientar os pais e terapeutas acerca da importância da intervenção precoce no processo de aquisição da linguagem nessas crianças.

PALAVRAS-CHAVE: Apraxia; Síndrome de Down e Linguagem.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta os resultados de uma pesquisa voltada para o campo da Neurolinguística Discursiva, a doravante ND; considerando que, segundo Luria (1970) o cérebro é um órgão plástico e dinâmico e, desta forma, podemos por meio da intervenção, modificar as suas estruturas afetadas. Apesar de só ter sido observada recentemente na síndrome de Down, uma questão linguística que vem sendo estudada e investigada é a apraxia de fala infantil (AFI), uma alteração na programação neurológica que compromete a capacidade de programar e produzir de forma eficaz os sons da fala. Esta pesquisa visa analisar os dados linguísticos da fala de uma criança com SD,

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

relacionando-os às características da apraxia, a fim de alertar aos pais e terapeutas acerca da importância da intervenção precoce. O *corpus* é composto por dados linguísticos coletados no decorrer de atendimentos realizados com a criança, no Laboratório de Pesquisa em Neurolinguística (LAPEN/UESB).

MATERIAL E MÉTODOS

A fundamentação teórico-metodológica para esta pesquisa pauta-se, em específico, nos estudos da Neurolinguística Discursiva que propõe uma prática de avaliar o sujeito de forma longitudinal, por meio de um acompanhamento sistemático e contínuo. Dessa forma, a criança que nos forneceu os dados linguísticos analisados foi observada de forma contínua, em sessões interativas, onde houve o uso efetivo e contextualizado da língua(gem). Estas sessões foram realizadas em um tempo de seis meses, com terapias semanais que duravam cerca de 50 minutos cada sessão. Para este trabalho, fizemos a análise de dados linguísticos emitidos por uma criança SD com seis anos de idade. Aqui, faremos referência a esta criança, utilizando a sigla “LS”. Nesta análise, verificamos: i) alguns dados linguísticos apresentados na fala de “LS”; ii) a produção e sequenciamento dos fonemas; e iii) a relação desses dados analisados com as características da apraxia de fala propriamente dita. Para tanto, tomamos de empréstimo alguns postulados de Coudry e Morato (1990), Canghilem (1994) e Schwartzman (1999) acerca, respectivamente, dos aspectos da linguagem na criança com síndrome de Down e, ainda, ao conceito de apraxia, postulado por Kumin (2006) e Carrara (2016), bem como a outros conceitos da Neurolinguística Discursiva. É importante salientar que foi imprescindível também o estudo acerca dos aspectos fonológicos do português, a fim de conhecermos detalhadamente como se dá o processo da aquisição fonológica em crianças. Portanto, utilizamos como subsidio os postulados teóricos da área da Fonologia e, em específico, aos estudos de Lamprecht (2004).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostraram que há características na fala de LS que se relacionam à apraxia de fala, tais como dificuldades no modo de articulação, apresentando mais facilidade em articular e produzir fonemas plosivos do que fonemas fricativos; produção fonêmica com omissões, adições e, principalmente, substituições. Verificamos, ainda, que a criança apresenta dificuldades no planejamento e associação motor dos sons da fala, dificuldade em sua produção sequencial, esforço e dificuldade significativos na hora de coordenar, organizar, sequenciar e produzir de forma voluntária os fonemas. Nas nossas análises, optamos por separar os dados em classes “A, B e C”. Na classe A, tivemos a produção das palavras [caca] para referir-se a vaca; [coca] para foca; [mermelho] para vermelho e [eleante] para elefante. Na classe B, tivemos [tato] para pato; [tato] para dado; [dadu] para tatu. E na classe C, tivemos [abelula] para referir-se a abelha; [golaba] para goiaba; [boleta] para borboleta; [colelo] para coelho e [quiquim] para pinguim. Verificamos, assim, nos dados da classe A, que há dificuldades na organização e produção dos fonemas fricativos do português, tais como /f/ e /v/ e que a criança faz estratégias de reparo no processo de produção de palavras formadas por essas fricativas. Além disso, LS faz processos de assimilação, tornando um som semelhante a outro que lhe está próximo, quando, por exemplo, produz [kaka] para vaca. Nas demais palavras, a criança faz substituição fonêmica e supressão de seguimentos. Já nos dados da classe B, a criança faz a inversão dos seguimentos plosivos coronais /t/ e /d/ e do fonema bilabial /p/, nas palavras “pato”, “dado” e “tatu”. Além disso, faz dessonorização na produção da palavra “dado”, produzindo [tato]. Assim, para “pato”, ela produz [tato], fazendo a substituição do seguimento bilabial /p/ pelo seguimento coronal /t/. Nas demais palavras, ela faz o inverso da dessonorização, mostrando inconsistência fonológica. Por fim, na “Classe C”, pudemos observar que LS faz omissões de fonemas, também algumas epênteses e, principalmente, substituições fonêmicas. A criança foi diagnosticada com apraxia aos quatro anos de idade, mas já avançou

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

em suas produções. Após o diagnóstico, começamos um trabalho terapêutico intensivo e, atualmente, o que é percebido nos dados linguísticos são situações que se aproximam mais das características comuns dos processos fonológicos do que dos aspectos apráxicos.

CONCLUSÕES

As análises mostraram que LS apresenta características da apraxia de fala infantil, devido às dificuldades para programar, coordenar, organizar, sequenciar e produzir automaticamente os sons da fala, combinando-os de forma desordenada em sílabas, palavras, frases e, até mesmo, em conversações, já em uma idade tardia, mesmo para uma criança com síndrome de Down. Contudo, após o diagnóstico e terapia fonoaudiológica e linguística focada, a criança avançou significativamente em suas produções.

REFERÊNCIAS

Apraxia na infância e Síndrome de Down. Entrevista com Elisabete Carrara. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ruKfBpsT-uY>. Acesso em: agosto de 2016.

CANGUILHEM, G. (1994 [2007]). **O normal e o patológico**. 6° ed. Rio de Janeiro: Fonte Universitária.

COUDRY, M.I.H.; POSSENTI, S. Avaliar discursos patológicos. In: **Cadernos de estudos Linguísticos**. Campinas, n.5, p.99--109, 1983.

KUMIN, L. **Speech intelligibility and childhood verbal apraxia in children with Down syndrome**. *Downs Syndr Res Pract*. 2006;10(1):10-22.

LAMPRECHT, Regina Ritter. (Org.). **Aquisição fonológica do português: perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

MORATO, E.M. Neurolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 143--169.

IX SEMINÁRIO DE PESQUISA E ESTUDOS LINGÜÍSTICOS
21 e 22 de setembro de 2017

SCHWARTZMAN, José Salomão. **Síndrome de Down**. São Paulo: Mackenzie:Memnon, 1999.